



**ESCOLA DE FORMAÇÃO
PARA OPERÁRIOS E OPERÁRIAS**



A GUERRA DE CANUDOS 1896-1897





A GUERRA SOCIAL DE CANUDOS

O Brasil na época de Canudos



Os três primeiros presidentes do Brasil

Na época que surgiu Canudos, fazia pouco tempo que o imperador Dom Pedro II tinha caído. Agora o Brasil era uma **República**. O presidente do Brasil era Prudente de Moraes, o primeiro presidente do país que não era militar. O Império e o começo da república havia sido um período de muitas revoltas e revoluções. Todas derrotadas com uma crueldade muito grande.

Os **negros**, após muita luta, haviam sido libertados da escravidão há menos de 10 anos e, como não se fez reforma agrária, viviam em condições às vezes piores que na época da escravidão.

No sertão se vivia muito mal. Muitos dos escravos no final da escravidão haviam sido vendidos para os barões de café no sudeste e os que ficaram foram para a Amazônia em busca de emprego nos seringais. Os que ficavam no Nordeste enfrentavam a **fome**, a **seca** e a arbitrariedade dos **coronéis**.

Antônio Maciel, o Conselheiro

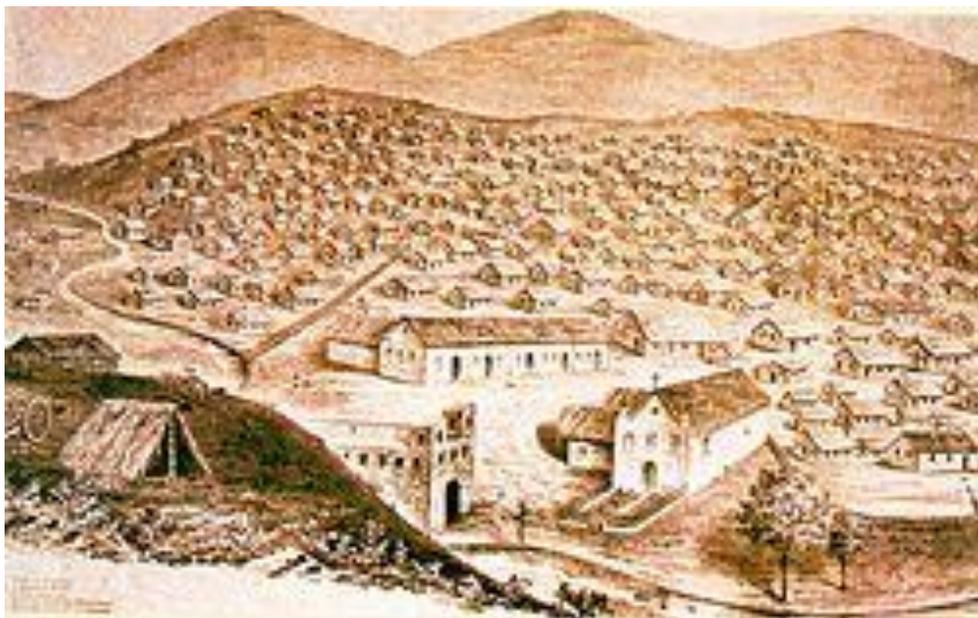


Antônio Vicente Mendes Maciel, que viria a ser conhecido como Antônio Conselheiro, nasceu no começo de 1828, em Quixeramobim, no Ceará.

Filho de um pequeno Comerciante, desde cedo conheceu as injustiças dos coronéis e a miséria dos sertões. Seu pai, apesar de analfabeto, dava muito valor a educação do filho. Antônio estudou em uma escola importante da região onde aprendeu Latim, Francês, Geografia e Aritmética. Tinha um gosto particular por construção, que herdou do pai. Ficou órfão de mãe aos 6 anos e de pai aos 27.

Por volta de 1865 Antônio começava a sua peregrinação pelos sertões que lhe tornaria famoso entre os sertanejos. O que o tornava diferente de todos os outros pregadores da época, e bem mais popular até que os padres, era que Antônio, agora chamado de Conselheiro, não passava a mão nas injustiças dos coronéis e do governo e defendia um mundo melhor aqui mesmo na terra.

Canudos, a terra prometida no sertão



Após um confronto com a polícia por ter realizado um protesto contra a cobrança de impostos, o Conselheiro saiu em sua peregrinação em busca da sua terra prometida. Encontrou o lugar ideal, nas margens do rio Vaza Barris, uma velha fazenda abandonada com cerca de 50 casebres e uma pequena igreja. Ali se alojou com seus seguidores.

O local foi escolhido porque, além da facilidade de conseguir água, tinha uma proteção natural, no meio da caatinga e de serras de difícil passagem. As casas dentro de Canudos foram construídas desordenadamente (uma de frente, outra de lado, outra de costas) para também facilitar a defesa da cidade na guerra que viria. Só havia uma rua em Canudos e se iniciou a construção de uma igreja nova que era uma verdadeira fortaleza, com paredes de 1 metro de espessura.

Rapidamente Canudos se transformou numa verdadeira cidade, chegando a ter cerca de 25 mil habitantes e mais de 5 mil casas.

Uma sociedade diferente



O que chamava tanta atenção em Canudos não era somente os discursos cativantes do Conselheiro. No meio de toda injustiça, pobreza e violência dos ricos no Sertão, Canudos era uma sociedade diferente.

Em Canudos não existiam ricos nem pobres. Todos que chegavam em Canudos deixavam a maior parte dos seus pertences na entrada para serem usados comumente. Tudo era produzido coletivamente e depois distribuído coletivamente. As terras, animais e ferramentas eram propriedade de todos. Todos trabalhavam, homens e mulheres. Era uma sociedade pobre, mas não existia fome.

Diferente do resto do sertão, os filhos dos pobres estudavam. O Conselheiro fundou duas escolas em Canudos.

Existia uma cadeia, mas ela só vivia vazia, e foi apelidada de poeira. A principal punição que havia era a expulsão de Canudos, e todos temiam tal castigo.

As mulheres e os negros em Canudos



Canudos era uma sociedade muito mais avançada que a República no que diz respeito aos direitos das mulheres e dos negros.

Muitos direitos que as mulheres tinham em Canudos elas demoraram décadas para conquistar na República. Em Canudos casava-se quem queria e as mulheres que preferissem ficar solteiras não podiam ser condenadas caso vivessem livremente. A prostituição e o estupro eram terminantemente proibidos. Em Canudos elas tinham o direito e o dever de trabalhar. Muitas cumpriram um papel importante na administração e na guerra de Canudos.

A abolição da escravidão no Brasil não veio acompanhada de nenhuma medida para integrar os negros na sociedade. Ao contrário, eles foram privados da terra e do trabalho. O Conselheiro sempre lutou contra a escravidão e após a abolição não só recebeu os negros em condições de iguais em Canudos como muitos cumpriram um papel de primeira linha no arraial.

Além do Conselheiro, outros heróis de Canudos

- **João Abade** – O administrador do povoado. Recebia os novos moradores e cuidava do bem-estar dos habitantes.
- **Maria Rita** – Conhecida como a *Virgem das Caatingas*, era uma guerreira destemida e tinha uma pontaria certa.
- **Timóteo** - O sineiro . Tocou o sino da igreja até durante a guerra, quando foi atingido por uma bala de canhão.
- **Manuel Quadrado** - Curandeiro da cidade. Conhecia a flora medicinal e quando necessário praticava cirurgias.
- **Pajeú** - Chefe dos combatentes. Um bravo negro. O mais temido herói da guerra de Canudos.
- **Quinquim Coiam** – dirigente da primeira vitória militar de Canudos contra a primeira expedição.
- **Joaquim Tranca Pés** – chefe do grupo guerrilheiro de Angico.
- **Santinha** - Organizou um piquete feminino armado para ir ao campo de batalha trazer de volta os feridos e os mortos.
- **Antônio Calixto** - O comandante da Guarda Católica, organismo responsável pela defesa interna da cidade.
- **Joaquim Macambira** - hábil organizador de emboscadas.
- **Chico Ema** - Dirigia o serviço de espionagem no seio das tropas inimigas e nas cidades vizinhas.
- **Maria Francisca de Vasconcelos** e **Maria Figueira** – Professoras. Dirigiam as escolas e na guerra foram enfermeiras.
- **Antônio Beato** – Percorria a cidade em busca de notícias para trazê-las ao conselheiro.
- **João da Silva** – secretário particular do Conselheiro que anotava as prédicas ditadas por ele.
- **Antônio Vila Nova** – era encarregado de guardar e zelar pelo armamento da cidade.
- **Antônio Fogueteiro** – Aliciador de combatentes.
- **Taramela** – responsável pela guarda e pelos cuidados com a igreja.
- **João Grande, Estevão, Chiquinho, João da Mota, Lalau** – Líderes de tropas na guerra.

Primeira expedição: uma procissão com santos e armas



A guerra contra Canudos começou por conta da intriga de um juiz que o Conselheiro havia enfrentado anos antes. Ele espalhou o boato de que o Conselheiro invadiria Juazeiro e saquearia o comercio. O governo mandou 100 soldados dirigidos por um tenente para defender Juazeiro.

Mas os canudenses nunca atacaram. Depois de um tempo, o tenente para não voltar de mãos abanando, resolveu atacar Canudos. Em Uauá, perto de Canudos, eles foram surpreendidos pelo grupo de Conselheiro que vinha em procissão pedindo paz. Desesperado os soldados atiraram para todos os lados, muitos canudenses morreram ou ficaram feridos. Mas eles reagiram e atacaram com facões.

A luta demorou cerca de 5 horas. Depois os sertanejos recuaram. Mas o recuo dos canudenses não significava a vitória do exercito. Eles não podiam mais avançar. Estavam sem munição e com fome. Tiveram que marchar 4 dias em baixo de sol e chegaram em Juazeiro destruídos.

A guerra estava só começando!

Segunda expedição: lagoa de sangue

Depois da derrota em Uauá, era necessária uma reação segura. A segunda expedição militar foi liderada pelo major Febrônio de Brito e era formada por 600 soldados armados até os dentes com metralhadoras e canhões.

Os oficiais esperavam uma viagem fácil. Mas tiveram que caminhar cerca de 60 km com um clima muito quente. A 12 km de Canudos a comida acabou. A partir dali se iniciou uma guerra para a qual eles não estavam preparados. Eram atacados por tiros e ataques surpresa vindo do meio da mata, que apareciam e sumiam em seguida.

Na Lagoa do Cipó houve uma terrível batalha e o local foi rebatizado como Lagoa de Sangue. As tropas governistas espantaram os conselheiristas, mas não tinham mais como avançar. Estavam a dois dias sem comer, exaustos e sendo atacados por um inimigo invisível.

Nova derrota governista. Os conselheiristas tomaram as armas do exército que teve que fugir do local da batalha.



Terceira expedição: Coronel Corta-Cabeças



A terceira expedição foi comandada pelo coronel Antônio Moreira César, conhecido por sua brutalidade contra os vencidos, que lhe valeu o apelido de Corta-Cabeças. Foram 1,6 mil soldados, 15 milhões de cartuchos de fuzil, quatro canhões e inúmeras metralhadoras.

Quando chegou na entrada da cidade mandou que os soldados invadissem Canudos. Foi um grande erro. Os becos entre as casas formavam um verdadeiro labirinto e fizeram os soldados se dispersarem em pequenos grupos que eram atacados por todos os lados pelos canudenses que surgiam de repente nas vielas ou de dentro das casas e depois sumiam. O Coronel Moreira Cesar tentou descer com seu cavalo para animar os soldados e foi atingido por dois tiros na barriga e morreu em seguida. Foi substituído pelo coronel Tamarindo, que também foi atingido por um tiro.

As tropas do governo saíram em uma fuga desesperada do arraial. Eram cerca de 800 soldados deixando pra trás armas e munições que foram usados depois pelos conselheiristas.

A quarta expedição e o grande reforço: o fim de Canudos



A quarta expedição foi organizada diretamente pelo Ministro da Guerra e contou com cerca de 6 mil soldados divididos em duas colunas, vários generais, engenheiros de guerra, canhões e 700 toneladas de munição.

Trezentos seguidores de Conselheiro liderados por Pageú conseguiram deter mais de 2,5 mil soldados por vários dias, provocando cerca de mil baixas nas forças do governo. Com táticas guerrilheiras, os conselheiristas cercaram a primeira coluna. A segunda coluna foi obrigada a recuar para se juntar a primeira e evitar uma nova derrota. Se ela não chegasse a tempo, ela teria sido derrotada e a história seria outra.

Mas mesmo as duas juntas não conseguiam atacar e entraram numa armadilha do Conselheiro. Tiveram que pedir mais um reforço, que chegou em alguns dias com mais 3 mil soldados que reforçaram as tropas e mantiveram pesada artilharia sobre a cidade, mas só conseguiram derrotá-la em outubro, quase 6 meses após o início da quarta expedição.

O ódio da burguesia contra os sertanejos guerreiros



Após a vitória do exercito aconteceu mais um espetáculo de ódio e crueldade de como a burguesia brasileira tratava todos os pobres que resolviam se rebelar.

No final da guerra sobraram cerca de 300 canudenses, a maioria mulheres, velhos e crianças. Eles receberam garantia do comando que não seriam mortos. Mas logo após a rendição todos os homens foram degolados e muitas mulheres e crianças juntos com eles.

O corpo do Conselheiro, que havia morrido alguns dias antes, foi desenterrado e arrancada a sua cabeça.

A ordem do comando, após encontrar o Conselheiro, foi destruir tudo. Derrubaram e tocaram fogo em todas as casas. Para não deixar vestígios daquele povo lutador.

Muitas mulheres e crianças que sobreviveram foram distribuídas como escravas sexuais de oficiais e políticos.

Lições de Canudos



Canudos era uma comunidade para onde iam os que sofriam as injustiças dos Coronéis, que passavam fome e sede no sertão e que não recebiam nenhum tipo de amparo por parte do Estado burguês, seja durante a ditadura ou durante a democracia.

Eles foram atacados pelo único crime de enfrentar o poder da burguesia brasileira, covarde e cruel, que não cumpriu as suas tarefas por medo de uma revolta dos de baixo. Foram atacados porque no meio do sertão construíram uma comunidade em que não haviam classes sociais e que a propriedade dos meios de produção e a distribuição das riquezas era coletiva. As expedições militares mostraram a bravura dos pobres que enfrentaram, mal armados, metade de todo o exército brasileiro, e a covardia dos ricos que degolavam prisioneiros indefesos.

Nossa tarefa é manter viva a luta de Antônio Conselheiro, Pageú, Maria Rita e tantos outros por uma sociedade sem exploradores nem explorados. Mas agora dirigida democraticamente pelos operários organizados em Conselhos populares.

CRONOLOGIA

1828 – Nascimento de Antônio Vicente Mendes Maciel, o Conselheiro.

1857 – Casamento de Antônio Maciel com sua primeira esposa, Brasilina Laurentina de Lima. Esse casamento dura até 1859, quando sua esposa foge com o militar Jacinto da Mata

1865 – Antônio torna-se andarilho e percorre o sertão Nordestino, onde recebe o apelido de Conselheiro por seu trabalho junto à população pobre.

1874 – O Conselheiro fixa-se no Norte da Bahia onde funda o Arraial de Bom Jesus.

1876 – Prisão de Antônio Conselheiro, julgado inocente ele retorna para os seus seguidores.

1878 – Grande seca assola o Nordeste. O número de adeptos do Conselheiro sobe ainda mais.

1882 – O Arcebispado da Bahia as pregações de Antônio Conselheiro.

1888 – Abolição da escravidão

1889 – Início da República

1890 – Antônio Conselheiro organiza uma manifestação contra os impostos e toca fogo nos anúncios do governo municipal.

1893 – O Conselheiro funda o arraial de Canudos, às margens do rio Vaza-Barris, no Nordeste da Bahia.

1894 – Prudente de Moraes assume a presidência da República

1896 – Outubro: O juiz de Juazeiro solicita providências policiais contra Conselheiro e seus adeptos; Novembro: Chega em Juazeiro a primeira expedição com destino a Canudos, para onde sai em marcha no dia 12 e no dia 21 é derrotada pelos sertanejos na cidade de Uauá.

1897 – Janeiro: Dia 19 segunda expedição chega à Canudos, sob forte ataque dos sertanejos e dia 20 batem em retirada. Fevereiro: Inicia-se a terceira expedição contra Canudos, comanda pelo Coronel Moreira Cesar e em Março as tropas atacam o arraial e são derrotadas, sendo Moreira Cesar morto em combate, as tropas recuam. Abril: inicia-se a organização da quarta expedição, em junho as duas colunas com 6 mil homens chegam perto de Canudos, mas são detidas pelos Sertanejos e pedem reforços, que chegam em Agosto. Em 22 de Setembro morre Antônio Conselheiro e em 1 de Outubro se inicia o assalto final, no dia seguinte entregam-se os últimos prisioneiros.